



## **O caso Gramorezinho: uma transição agroecológica dentro da cidade de Natal.** *The Gramorezinho case: one agroecological transition inside of Natal city.*

FILHO, Semilson<sup>1</sup>; MARTINHO, Keillany<sup>2</sup>; ROZENDO, Cimone<sup>3</sup>  
<sup>1</sup>UFRN, semilsonm@gmail.com; <sup>2</sup>UFRN, keillany.martinho@gmail.com; <sup>3</sup>UFRN,  
cimone.rozendo@gmail.com

### **Eixo temático: Agriculturas Urbana e Periurbana**

**Resumo:** Esta investigação parte da necessidade de se fazerem conhecidas e estudadas as diferentes experiências de transição agroecológica no estado do Rio Grande do Norte, para elucidar e analisar o caso peculiar da transição na comunidade do Gramorezinho na cidade de Natal. Parte de reflexões sobre a transição agroecológica e a caracterização do caso a partir de revisão bibliográfica conciliada com entrevistas semi-estruturadas feitas com agricultores(as) participantes do processo. Dessa forma, observou-se que o processo de transição agroecológica em si mesmo abriga uma infinidade de dificuldades por se tratar não apenas de mudanças no trato agrícola, mas para além disso, ser uma forma diferente de enxergar e lidar com as dinâmicas existentes na relação ser humano-natureza.

**Palavras-chave:** agricultura familiar; agroecologia; agricultura urbana.

**Keywords:** family farming; agroecology; urban agriculture.

### **Contexto**

A inserção de máquinas e insumos químicos no trato agrícola representam mudanças ocorridas no modelo de produção agrícola após a revolução verde, modelo esse que visava uma produção acelerada e em larga escala na tentativa de diminuir as crises de fome no mundo. Porém percebeu-se que esse modelo, também chamado de convencional, gerava grandes impactos econômicos, sociais e ambientais. A partir disso surgiram cada vez mais debates em torno dos impactos causados por esse modelo de produção.

Como nos dizem Albergoni e Pelaez (2007), a Revolução Verde pode ser caracterizada como um paradigma tecnológico derivado da evolução dos conhecimentos da química e da biologia, que definiram uma trajetória tecnológica baseada no uso intensivo de insumos químicos (fertilizantes e pesticidas). A preocupação principal discutida girava em torno da sustentabilidade e dos impactos ambientais causados por esse modelo produtivo, com enfoque na criação de um novo paradigma que estivesse de acordo com as necessidades da população rural e que ao mesmo tempo gerasse uma relação positiva entre o homem e a natureza, na qual os dois garantiriam qualidade de vida no presente e para as próximas gerações.

De acordo com Medeiros (2015), o termo “sustentabilidade” ganhou notoriedade no relatório *Our Common Future*, que definiu o conceito de desenvolvimento sustentável como sendo aquele que atende as necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades.



A agroecologia desenvolve-se como esse novo paradigma, fundamentada em uma relação sustentável entre homem e ambiente com uma perspectiva multidimensional dos fatores contribuintes para o melhoramento dessa relação, a partir da concepção de que o modelo convencional de agricultura é ineficiente e prejudicial para ambos os envolvidos. Dentro dessa dinâmica, a transição agroecológica aparece como momento crucial de transformações sociais e ambientais desenvolvidas em rede e que despertam análise.

Esse novo paradigma vai além de técnicas que garantam um produto de qualidade. Ele possibilita uma discussão mais ampla do desenvolvimento social no campo, equiparando homens, mulheres, jovens e crianças. Para estudiosos da área, como Schmitt (2009), o processo de transição agroecológica se dá como um desdobramento da história ecológica, em que há uma desconexão da agricultura e do sistema agroalimentar, com base na biofísica de sustentação dos ecossistemas locais.

Reconhece-se que mudar da produção convencional para agroecológica é um processo árduo e que a completa ausência de apoio institucional o torna ainda mais difícil. A agricultura familiar está vivendo um momento de retomada das técnicas culturais, que a garanta uma maior co-dependência da natureza e a renúncia aos insumos provenientes do capital.

Desta forma, um caso específico na comunidade do Gramorezinho, localizada no bairro Lagoa Azul, Zona Norte da cidade de Natal/RN chama a atenção devido às peculiaridades: ser localizado em Natal, cidade na qual todo o seu território foi - de maneira impositiva aos moradores do local - considerado como área urbana, e ser uma Zona de Proteção Ambiental (ZPA).

## **Descrição da Experiência**

A comunidade do Gramorezinho é uma área caracterizada como uma ZPA e AEIS (Área Especial de Interesse Social), o que lhe confere uma série de especificações e limitações no que diz respeito ao uso dos seus recursos naturais. Além disso, é uma área majoritariamente de uso agrícola, porém por estar localizada em uma cidade que possui todo seu território considerado urbano, a agricultura desenvolvida é avaliada como agricultura urbana.

Na concepção de Luc Mougeot (2000), a agricultura urbana se diferencia da rural por estar integrada com o sistema econômico e ecológico urbano, denominado ecossistema urbano. Já segundo Medeiros (2015), a agricultura urbana permite reflexões sobre a integração entre os conceitos de urbanidade e ruralidade, entendidas aqui como os valores e qualidades, ligadas respectivamente à cidade e ao campo, porém não necessariamente restritas a estes espaços.

A maioria dos moradores são agricultores familiares, que constroem sua renda financeira a partir do que produzem no local, utilizando-se de agricultura



convencional com a aplicação de agrotóxicos e sem o manejo adequado para aquela região, causando danos tanto para a saúde dos agricultores que realizavam esse tipo de manejo, quanto para o solo e o ecossistema do local.

Devido a isso, no ano de 2012 os moradores da comunidade do Gramorezinho foram obrigados a suspender o uso do modelo de produção agrícola convencional para fazer a transição para a agroecologia, com a implantação do projeto Amigo Verde. Este projeto foi uma iniciativa do Ministério Público do Rio Grande do Norte em parceria com a Associação de Amigos Moradores do Sítio de Gramorezinho e Adjacências (AMIGs), a Secretaria de Meio Ambiente e Urbanismo de Natal (SEMURB), EMATER-RN, SEBRAE-RN e UFRN, e consistia em uma ação de assistência técnica a fim de minimizar os danos socioambientais causados pelo manejo antes utilizado e fomentar a transição agroecológica.

Apesar de contarem com o apoio financeiro da PETROBRAS, muitas dessas famílias sofreram impactos diretos em suas vidas. Dentro desse processo existem vários entraves encontrados pelos agricultores, sendo eles fatores internos ou externos à propriedade. Uma das dificuldades está em encontrar tecnologias voltadas a esse sistema de produção, que sejam sócio e economicamente viáveis, e que sejam de fácil adaptação aos sistemas locais e ao seu manejo; outro ponto estaria no acesso a assistência técnica de qualidade, a linhas de crédito voltados à agroecologia e espaços para comercialização desses produtos.

Para construção da pesquisa, foram utilizadas técnicas qualitativas, sendo elas revisão bibliográfica e documental, entrevistas semiestruturadas com parte dos agricultores que compõem o projeto Amigo Verde e a associação Pró-Azul, os quais também participaram do processo de transição. Esse trabalho é resultado de pesquisa realizada pelo Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica (NEA) da UFRN, Chamada nº 21/2016.

## **Resultados**

De acordo com nossas pesquisas, foi possível concluir que a transição agroecológica no Gramorezinho ainda está sendo encaminhada e demonstra diversos entraves para sua realização. Dentre eles pode ser destacada a falta de assistência técnica, a qual dificulta o processo de transição, pois os agricultores não possuem propriedade das técnicas de produção orgânica.

Além disso, observa-se enorme dificuldade na comercialização dos produtos em feiras que não estão inscritas no projeto Amigo Verde. Devido a falta de informação da população sobre a importância da agricultura familiar e dos produtos agroecológicos e orgânicos, usualmente a aparência do produto é mais considerada do que a sua qualidade. Adicionalmente, os agricultores destacaram como problema a obrigatoriedade da conversão ao modelo agroecológico, o que ocasionou a saída de alguns deles da comunidade para outros locais onde é permitida a produção convencional. Segundo os agricultores entrevistados, já é possível notar uma melhoria na qualidade de vida de quem trabalha nas produções, assim como a volta



da natureza em seu estado natural. Um dos agricultores relatou que algumas aves, que já não eram mais avistadas na região, voltam a aparecer. O rio que corta muitas das propriedades, já dá sinais de não estar tão poluído como antes.

O nome Amigo Verde já é sinônimo de confiança, pela qualidade de seus produtos e pela certeza que o consumidor tem que está comprando um alimento limpo. Além de reduzir a dependência de intermediários no processo de venda, fazendo assim com que o agricultor receba o valor mais justo pela sua produção.

Portanto concluímos que o processo de conversão agroecológica torna-se mais difícil quando não se têm os critérios necessários para sua realização eficaz. Faz-se necessário uma assistência técnica constante durante todo o processo, principalmente pelas peculiaridades que o Gramorezinho possui, por ser uma comunidade localizada no interior de uma cidade completamente urbana. Além disso, o empobrecimento das políticas públicas voltadas para essa comunidade mostra-se como mais um fator de dificuldade para a eficácia da transição agroecológica, no que diz respeito aos investimentos na área e no próprio processo de transição.

O projeto Amigo Verde representou uma mudança emergencial devido à situação do local. Porém, para se alcançar um desenvolvimento verdadeiramente sustentável e social, é preciso realizar um projeto territorial transversal, que envolva a participação de todos da comunidade do Gramorezinho na sua elaboração e execução, focado na soberania alimentar e na qualidade da alimentação abrindo portas para a participação de consumidores conscientes e órgãos institucionais interessados nesses eixos. Uma proposta holística, na qual a solidariedade e a relação harmônica homem-natureza seriam as bases fundamentais de um desenvolvimento social total.

## Referências bibliográficas

ABERGONI, Leide; PELAEZ, Victor, **Da Revolução Verde à agrobiotecnologia: ruptura ou continuidade de paradigmas?**. Revista de Economia, 2007. p 31-53.

COSTABEBER, J. A; MOYANO, E.E. Transição agroecológica e ação social coletiva. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v.1, n.4, p. 50-60, 2000.

MEDEIROS, C; SILVA, M; ATAIDE, R, As hortas urbanas como uma contribuição às cidades sustentáveis: O caso do Gramorezinho em Natal/RN. **Cidades Verdes**, 2015. p 16-32.

ZAAR, M, Agricultura Urbana como práxis de um território 'híbrido' e complexo. Singularidades e contradições que permeiam as atividades hortícolas na cidade de Natal, RN. OKARA: **Geografia em debate**, 2017. p 351-375.